

UMA PERSPECTIVA SOBRE A GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO A PARTIR DE ALGUMAS OBRAS DE RUY MOREIRA

A PERSPECTIVE ON THE GEOGRAPHY OF THE POPULATION TO FROM
SOME RUY MOREIRA PRODUCTIONS

José Carlos Milléo

Professor do Departamento de Geografia da UFF

josemilleo@id.uff.br

Resumo: Este breve ensaio busca elaborar algumas reflexões sobre uma parcela bastante específica da produção do geógrafo Ruy Moreira, qual seja: aquela que trata teórica e metodologicamente do estudo da Geografia da População. Tomando algumas obras, onde esse tema aparece de forma bastante destacada, são alinhadas as principais ideias do autor tanto no sentido da crítica à forma como a população tem sido tradicionalmente abordada, quanto das possibilidades contidas nas propostas que derivam de tais críticas. Assim, a ideia contida nesta aproximação inicial é por em pauta as constâncias e as modificações que a abordagem do tema população vai sofrendo de parte deste autor. O resultado desta incursão, pretende-se, talvez possa nos habilitar a embasar uma proposta de análise da população, sob o prisma geográfico, que se aproveite dos caminhos oferecidos por um dos pensadores mais originais nos domínios desta ciência.

Palavras Chave: População, Geografia, Ruy Moreira, Geografia dos Professores.

Abstract: This brief essay seeks is to reflect on a very specific portion of production Geographer Ruy Moreira, namely: that which is theoretically and methodologically the study of Population Geography. Taking some works, where this theme appears quite prominently, the main author of the ideas are aligned both in the sense of criticism of the way the population has traditionally been addressed, as the possibilities in the proposals that derive from such criticism. So the idea contained in this initial approach is under consideration by the certainties and the modifications that the subject population will approach suffering of this author. The result of this incursion, it is intended, might enable us to support an analysis of the proposed population under the geographical perspective, which takes advantage of the paths offered by one of the most original thinkers in the fields of this science .

Keywords : Population , Geography, Ruy Moreira, Teacher's Geography .

O *Discurso do Averso* de Ruy Moreira possui em sua primeira edição, entre parênteses, um subtítulo: “para a crítica da Geografia que se ensina”. Interessante como o fio inicial

proposto no subtítulo acaba nos conduzindo para dentro de questões que, tendo a “Geografia dos professores”¹ como fio condutor, se desdobra e coloca em xeque nossa própria orientação dentro do mundo. Nenhuma surpresa deve decorrer dessa constatação afinal, como bem postula o autor, a inconsciência desta última não é, nem nunca foi apenas “coisa de escola e de seus professores”. Como bem coloca Moreira logo na apresentação do livro:

Nossa concepção de vida, de sociedade e de mundo, e então, de Brasil, tem muita relação com as noções de natureza, espaço, e tempo, que pelo capítulo da população, se revelam categorias de uma concepção organicista do social. (MOREIRA, 1987,p.9).

A pequena análise que se segue aqui de uma parcela da obra do autor, atém-se justamente sobre esse tópico que invariavelmente parece se impor aos que buscam uma reflexão sobre a realidade do mundo ou mais exatamente sobre a realidade brasileira, ou seja, a população. Especificamente, colocamos no centro desse nosso trabalho os capítulos dedicados à forma como o “homem-estatístico”² é identificado e analisado em três momentos distintos do autor, compondo um caminho que será (per)seguido por Ruy Moreira, pode-se dizer, sem descanso. De 1987, data da primeira edição do *Discurso do Avesso*, passando por *O Círculo e a Espiral*, de 1993, e chegando mais recentemente em *Para Onde Vai o Pensamento Geográfico*, de 2006, o autor persevera na crítica inicialmente proposta, e mantém a lupa apontada para o tema da população, ao qual concede sempre um capítulo inteiro em cada obra³. A ideia contida neste sobrevoos é por

¹ Expressão de Lacoste, (1985).

² Esta expressão, “o homem-estatístico” não aparece na primeira obra analisada, *O Discurso do Avesso* (1987), ainda que o capítulo sobre os estudos de população figure com grande destaque já nesse momento. É só em *O Círculo e a Espiral* (1993) que o título do capítulo assim se coloca, sendo posteriormente repetido em *Para Onde vai o Pensamento Geográfico* (2006).

³ O leitor mais atento não deixará de notar que neste trabalho optamos por não citar a produção mais recente do autor, que retoma o *Discurso do Avesso* reeditando-o em 2014. Duas são as razões para tal procedimento sendo a primeira delas de ordem puramente prática: ao consideramos as três obras citadas e contidas num período tão alongado da produção de Ruy Moreira, que recobre quase 20 anos de reflexões do autor, acabamos por estabelecer já de início uma demanda de envergadura bastante apreciável. Assim, mesmo considerando o precípua e introdutório do texto que se segue concluímos que o recobrimento deste recorte temporal constitui-se em tarefa já mais que suficiente para tal ensaio. Por outro lado, e aí temos a segunda razão, consideramos ainda que arbitrariamente é verdade, que a mais recente edição do *Discurso do Avesso* representa uma espécie de recomposição das ideias do autor, não só no sentido de sua renovação, mas sobretudo no estabelecimento de novos marcos que representam o fechamento de um circuito ao mesmo tempo que descortina uma nova vereda. Nos parece, então, que esta nova etapa por sua vez demandará uma análise específica contendo não só o saldo do caminho percorrido até ali, mas especificamente o horizonte renovado que se mostra a partir da edição de 2014 do *Discurso do Avesso*. Findado o ensaio que aqui se apresenta, e estabelecidas as discussões dele decorrentes, esta será a segunda tarefa à qual pretendemos nos impor e que deve resultar em um trabalho de caráter bem mais conclusivo que exploratório, o que não é o caso do presente ensaio.

em pauta as constâncias e as modificações que a abordagem do tema população vai sofrendo de parte de um autor que sempre buscou conferir forte relevo ao tema. Desta maneira o saldo obtido talvez possa nos habilitar a embasar uma proposta de análise da população sob o viés geográfico, e que se aproveite dos caminhos oferecidos por este geógrafo.

Desta persistência, aliás, mais uma vez, também não decorre nenhuma surpresa já que população é pedra angular, tanto da Geografia que elude e mascara nossa interpretação do real (nossas “máscaras sociais”, já diria o autor), quanto daquela que lhe liberta das amarras e põe em relevo os enganos e engodos. É mesmo interessante como essa centralidade era válida para os tempos em que *O Discurso do Avesso* foi inicialmente escrito e continua inteiramente válida para os tempos atuais. O capítulo da população continua lá em muitos livros didáticos e literatura específica, feito esfinge à espera dos incautos que tentem decifrá-lo.

Desvelar estas ilusões não é tarefa simples uma vez que o combate não se dá apenas no campo especificamente científico, mas antes e talvez principalmente, o tema da população está colocado dentro do terreno ideológico. A tarefa, então, torna-se de redobrado esforço visto que é preciso manusear a lupa para além das aparências.

Essa alta permeabilidade do tema população às influências ideológicas ficou mais simples de ser identificada desde, pelo menos, finais do século XVIII quando o pastor protestante Thomas Robert Malthus decidiu por tentar estabelecer “princípios” para o seu estudo. Discorrer sobre o tema é abordar a vida, a morte, e o movimento das pessoas no espaço. Como bem alerta Szmrecsányi (1982) ao refletir sobre Malthus e o alcance de sua obra, a razão do sucesso das ideias do autor está menos no eventual acerto científico de suas teorias do que na importância das questões que analisou e na sobrecarga de elementos ideológicos, que acompanham seu pensamento (op. cit.). Diríamos que Malthus não representa exceção, sendo muito mais uma regra entre os que se dispuseram a pensar sobre o assunto, em geral ou a respeito cada uma das questões que lhe derivam. Arriscando-nos a ir um pouco além do apontamento de Szmrecsányi poderíamos dizer que não existe uma carga ideológica ligada apenas à obra de Malthus senão, antes, uma carga inerente à população que precisa ser enfrentada para decompor esse mesmo conteúdo ideológico.

Nesse embate o inspirador, absoluto e incontestado, na obra de Ruy Moreira é sem dúvida Karl Marx. E é o próprio Marx, quem alerta para que atentemos a esse conteúdo

ideológico. Logo na introdução à *Crítica da Economia Política*, a proposição metodológica do autor é posta de forma tão exemplar que tornou-se clássica:

Parece que é correto começar pelo real e pelo concreto que são a pressuposição prévia e efetiva; assim em Economia, por exemplo, começar-se-ia pela população, que a base e o sujeito do ato social de produção como um todo. No entanto, graças a uma observação mais atenta, tomamos conhecimento de que isto é falso. A população é uma abstração, se desprezarmos, por exemplo, as classes que a compõem. Por seu lado, essas classes são uma palavra vazia de sentido se ignoramos os elementos em que repousam, por exemplo: o trabalho assalariado, o capital, etc.(MARX, 1939, p.14).

A população é vista aqui como parcela do real, ou do concreto-real, mas que de forma alguma deve ser analisada de maneira isolada, solta no tempo e no espaço. Urge, advoga Marx, que antes se faça sua inserção dentro de uma totalidade que se anteponha ao parcelamento da realidade.

A proposta acima aludida não deixa margem de negociação na abordagem da população e nesse sentido Ruy Moreira, assim como outros autores de mesma filiação teórico-metodológica, se coloca de forma contundente. Francisco de Oliveira (1977), por exemplo, é categórico ao sentenciar que “não há teoria na velha e na nova demografia” uma vez que esta, ao partir exatamente da população, acaba por abstrair-se do quadro das relações sociais que deve ser seu ponto de partida e seu pano de fundo em qualquer análise. Desse modo, tal e qual o próprio Marx já anunciava, resulta inerente a esse método, que a população seja estudada da mesma forma que qualquer outro conjunto de seres vivos. Nas palavras de Oliveira

a demografia nesses termos não passa de uma genética aplicada ao social, mas não consegue chegar a ser uma genética do social. (op. cit, p.138).

Entretanto, o caminho escolhido por Ruy Moreira para a recolocação desse “genes” dentro da Geografia dá-se através da crítica inicial à forma clássica dessa ciência em abordar a população. Talvez esse seja um roteiro incontornável já que o autor em tela busca refletir sobre boa parcela da produção geográfica, sobretudo a partir dos anos 1950, quando a população passa a figurar como capítulo em separado ou até mesmo como tema de obras inteiras. São representantes típicos desse período autores como Beujeau-Garnier (1956) ou John Clarke (1965). Nelas a abordagem defendida por Marx é ignorada, ou seja, o tema aparece de maneira isolada, como dado e não como um componente do social.

Moreira, contudo, se não pode ignorar esta forma clássica de abordagem, teve a alternativa de se deter sobre uma via mais promissora advinda da geografia francesa, notadamente aquela que em consonância com boa parcela da ciência social da época, “descobre”, naquele momento, o fenômeno do *subdesenvolvimento*. Para esta descoberta pelo viés demográfico, sem dúvida colaborou enormemente o empenho da ONU em incentivar para que todos os países membros passassem a realizar seu censo demográfico. Assim é que ao final dos anos 50 o mundo deparava-se com estatísticas estarrecedoras e com a “explosão demográfica” das ex-colônias europeias. Sobre essa atmosfera resume bem o autor em questão:

Nessa conjuntura é que proliferam os “estudos de população”. E é do acúmulo desses estudos, e como a sua extensão direta, que ganha corpo nos anos sessenta a teoria do subdesenvolvimento. Misto de teoria de superação das estruturas herdadas do colonialismo e de reformismo social, a teoria do subdesenvolvimento propõe a industrialização como o leito comum e único capaz de romper a situação de atraso econômico e as mazelas sociais decorrentes desse atraso (...) de que padecem as ex-colônias. (MOREIRA, 1987, p.38).

De fato esta é uma produção extremamente interessante na medida em que, se não se apresenta como alternativa plena e acabada ao modo clássico de se estudar a população, ainda assim exprime uma conjuntura de contestação tanto à abordagem liberal (mais estrita) quanto ao imperialismo provindo das hostes do autoritarismo stalinista. Não por acaso, Moreira assinala que alguns expoentes dessa Geografia são egressos do Partido Comunista Francês, por conta de sua discordância com a invasão soviética da Hungria, em 1956. São os casos de geógrafos do porte de Jean Dresh e também de Tricart por exemplo. Mas sem dúvida a obra de Pierre George aparece como um expoente digno de análise mais específica. Colabora para esse destaque não só o pioneirismo⁴ de George na abordagem geográfica da população como também seu encaixe perfeito à teoria do subdesenvolvimento, que lhe coloca como um dos intérpretes privilegiados da proposta.

Postos, alinhados dessa forma, os estudos de desenvolvimento/subdesenvolvimento e os estudos de população são o estofado teórico e empírico, respectivamente, da proposta reformista. Segundo Ruy Moreira tais análises nascidas nessa conjuntura, embora apresentem uma crítica frontal ao colonialismo (que se esboroa no cenário pós-Segunda Guerra Mundial), não conseguem se desvencilhar do fato representar a convergência de

⁴ Referimo-nos à sua *Introdução ao estudo geográfico da população do mundo*, cuja primeira edição é de 1951.

interesses das burguesias dos países centrais e da nascente burguesia das ex-colônias, que começa a almejar projeção no cenário econômico internacional. Daí decorre a abordagem da demografia (ainda de orientação liberal) que inspira manuais e livros didáticos, encaixando-se ali também os textos que denunciam a desigualdade vigente perante a opinião pública.

Pode-se, deste modo, entender muito claramente a pouca condescendência com a qual Moreira analisa tanto a produção deste período quanto o método através do qual esta atinge a “subversão da dialética”⁵, posto que a totalidade é estilhaçada numa infinidade de partes para que depois seja retotalizada, agora entretanto, usurpada em seu conteúdo contraditório. Assim, os estudos da população se quebram num monotônico escalonamento, que invariavelmente se segue sem que exista uma justificativa muito clara para tal sequência: primeiro vem o crescimento, depois se aborda a estrutura demográfica, posteriormente diseca-se a distribuição e por fim vem a mobilidade espacial da população. Para recompor essa fragmentação a equação entre necessidade e os recursos disponíveis é requisitada, no sentido de um retorno ao concreto que no fundo não passa da relação homem e meio para esta Geografia.

Desse modo se explica, na opinião do autor, a clássica sequência de capítulos que muito frequentemente os estudos de população apresentam no período (diríamos mesmo que persistem ainda hoje). Se este é visto a partir da matriz que contrapõe *necessidade* versus *recursos*, resulta bastante natural que o início de tais estudos dê-se pela abordagem do “problema” do crescimento da população. De fato é admirável como Ruy Moreira captura de forma bastante arguta o contato que cada um de nós manteve, através dos livros escolares, com esse encadeamento proposto pela demografia liberal, estabelecendo para conosco um fascínio quase hipnótico:

Quem não se defrontou com algum gráfico linear de evolução demográfica mundial e não se impressionou com a repentina subida da curva indicadora de um verdadeiro disparo? Quantos não se maravilharam com a clareza didática desse gráfico? Quantos não o reproduziram em suas aulas e quantos cidadãos, em consequência não o reproduzem em suas mentes e argumentações a cada debate sobre o mundo contemporâneo? (MOREIRA, 1993, p.46).

⁵ Expressão do autor, ver Moreira(1987) e (1993).

Assim a exposição de tais dados parecia falar por si só e apresentava a questão demográfica, logo de início, como revestida de contornos dramáticos⁶. Não deixa de ser interessante como o discurso resultante desta produção oscila entre uma crítica perspicaz à ideologia contida no modelo de explicação proposto – quando aponta que o subdesenvolvimento não “é a ausência de desenvolvimento, mas o produto de um tipo de universal de desenvolvimento mal conduzido.” (CASTRO, 1972) - mas ao mesmo tempo revela seus limites quando diagnostica que:

(...) é o estado de agravamento demográfico desta precariedade, e não a precariedade em si, o que se define por subdesenvolvimento. É a explosão demográfica a conversora, face ao quadro inalterado de estágio pré-industrial desses países, do estado de atraso secular em subdesenvolvimento. (MOREIRA, 1987, p.45).

Ou seja, como também assinala Damiani (1991) ao debruçar-se sobre a mesma produção da época, as conclusões se ressentem do fato de que o processo de acumulação de capital em seu movimento não é contraposto à “explosão populacional” do mundo, dito, subdesenvolvido. Houvesse isso sido realizado, ainda segundo Damiani, poderiam tais autores discernir mais claramente que formas técnicas desenvolvidas podem perfeitamente conviver com configurações de exploração extensiva, mesmo dentro dos chamados países industrializados⁷. Do mesmo modo, essa postura poderia ajudar a desmistificar o dito “processo explosivo de crescimento populacional” na medida em que este nada mais representava que o aperfeiçoamento das formas de acumulação de capital.

Essa lacuna, aliás, acaba ajudando bastante para que a interpretação advinda da relação desenvolvimento/subdesenvolvimento, não consiga se desvencilhar da metodologia empregada pela “demografia liberal clássica”. Num apontamento deveras sutil, Ruy Moreira (1987, 1993) toma tal dificuldade e desvenda a persistência, por exemplo, de capítulos que corroboram a fragmentação do fenômeno demográfico em suas variáveis usuais, mesmo nos trabalhos oriundos da intelectualidade reformista dos anos 60 e 70 do século XX e dos quais são exemplos muito ilustrativos Lacoste (1965) ou George (1965). Uma por uma, essas variáveis são identificadas e esquadrihadas por Moreira, colocando à

⁶ A literatura especializada dos anos 50 e 60, de fato pintava com cores sombrias o cenário futuro que adviria de um crescimento explosivo da população dos países tidos como subdesenvolvidos. O trabalho emblemático desse período, sem dúvida, é a edição em 1968 do livro *The Population Bomb* pelo biólogo Paul Ehrlich.

⁷ Sobre isso ver o 5º contraponto da autora ao tema “superpopulação” em Damiani (1991, p.69).

mostra tais limitações em subcapítulos dedicados à demografia liberal e seu contraponto oriundo do movimento operário socialista que de maneira geral resultou de tais matrizes.

É de se lamentar que, progressivamente, Moreira vá abandonando essa vereda na medida em que suprime parcela significativa das críticas a essa produção teórica nas versões mais recentes de seu retrato do “homem-estatístico”. Com tais supressões fica também restringido um julgamento bastante interessante à produção oriunda das teorias de desenvolvimento/subdesenvolvimento (MOREIRA, 2006)⁸. O corolário dessa crítica, também suprimido, é um resumo dos pontos básicos estabelecidos pelo autor no sentido da construção de uma proposta alternativa, tanto à abordagem liberal clássica, quanto àquela oriunda do pensamento reformista.

Se por um lado constatamos tal perda, é preciso anotar também que a alternativa imaginada por Ruy Moreira para continuar recompondo este homem-estatístico revela-se bastante promissora. Nela o autor refina seu argumento partindo da persistente crítica marxista aos estudos demográficos liberais que, “por um estranho movimento”, transpõe a população de efeito à causa da condição econômica dos países subdesenvolvidos. Desta forma Moreira elucida o fato de que apenas nestes o crescimento demográfico é tido como explosivo muito embora ele tenha se dado também nos países industrializados:

É a necessidade de subverter a velha divisão internacional do trabalho, com o fim de ultrapassar os obstáculos interpostos à acumulação capitalista, que irá abrir a fase atual de “explosão” demográfica. A mundialização das necessidades de mercado e parte das indústrias, não mais do capital mercantil, inicia a desagregação das relações coloniais e rompe com os limites de sua expansão populacional a partir de meados do século XX. (MOREIRA, 2006, p.94).

Na verdade a dificuldade em retratar a população à luz do processo de acumulação de capital é vasculhada pelo autor e demonstrada como um caminho de combinações que segue par e passo à própria evolução do conceito de natureza, tida a partir de certo momento como o reino das “coisas físicas” (ou do reino da Geografia Física). Esta genealogia parte da concepção de homem que a modernidade herda do pensamento aristotélico (o homem político que se distingue dos animais pela faculdade da razão), mas que é alterada contínua e substancialmente, a partir do Renascimento. Diríamos que na cobertura de todo esse processo, deflagrado a partir do século XV, Ruy Moreira ilustra claramente como o caminho percorrido por esse “homem-estatístico” vai demonstrando

⁸ Na primeira versão de 1987 este capítulo conta com 64 páginas, já em 2006 são 22 páginas dedicadas.

seu descolamento progressivo de si próprio, na medida em que o isola tanto da natureza quanto da sociedade. Desse homem, fruto do pensamento aristotélico, para o homem como fator de produção e consumidor, desembocando finalmente no homem que se converte em população, a trajetória esquadrihada nada mais é que um progressivo aperfeiçoamento do conceito, tanto de homem como de natureza, com vistas a seu encaixe dentro da economia utilitarista em sua versão clássica e neoclássica.

O novo corolário, agora escolhido pelo autor, é o trinômio *natureza-homem-espaço*, ao qual o Moreira passa a dedicar uma especial atenção em sua proposta mais recente de uma epistemologia crítica. Ousando acrescentar diríamos, por fim, que esse recobrimento bem demonstra como esse homem atópico percorre um caminho na direção de se conhecer racionalmente, mas vai eludindo a possibilidade de converter-se, ele mesmo, em espaço:

Indeterminado, está e não está na natureza e está e não está na sociedade. (...) É um ser presente-ausente, um ser que está mas não consegue ser. Está em relação com a paisagem, o meio e o espaço, mas paradoxalmente não é nenhum deles. Não é paisagem, não é meio e não é espaço, assim como não é natureza e não é sociedade. Está em cada quadro, mas embutido, não é. (...) De modo que em sua observação atenta o geógrafo quando muito vê o homem como um homem *diante de*. Isto é, ora diante da paisagem, ora diante do meio, ora diante do espaço, mas nunca como paisagem, como meio ou como espaço. (MOREIRA, 2006, p.119)

Conclusão

Como o homem-estatístico poderá reencontrar sua ânima, redescobrir a si próprio? Naturalmente, em função de todo o arcabouço teórico, contido na proposta do autor em questão, o “homem concreto” só poderá ganhar relevo na medida em que passar a ser referido ao modo de produção social no qual está inserido, hodiernamente o modo de produção capitalista. Neste caso é o processo de valorização do capital que deve ser atentado já que este é, em última instância, o próprio cerne do modo de produção. Por conseguinte a filiação a este pensamento não deixa margem para negociação ao encaminhamento metodológico a ser adotado. É a apropriação do trabalho, e não a reprodução dos homens, que deve ser vista em primeiro lugar. Em outras palavras, população deve ser colocada, antes de mais nada, como *população para o capital* (OLIVEIRA,1977), já que são os requerimentos estabelecidos, para que essa apropriação se dê, que governam o processo de reprodução dos homens e não o seu contrário. Desse modo tanto o salto demográfico, ocorrido nos países onde a Revolução Industrial se iniciou, quanto a continuidade do crescimento vegetativo posteriormente nos países

periféricos, são examinados a partir da necessária criação e manutenção de um contingente populacional de reserva para que se dê a apropriação de seu trabalho.

É de se anotar que, numa análise tão estritamente cingida pela matriz teórica já explicitada, resta pequena margem de manobra para o recobrimento de processos que porventura lhe escapem. Assim é que a aceleração demográfica, por exemplo, é decomposta a partir de processos como a relação entre o circuito mercantil capitalista e a economia doméstica. Esta última pressupõe certa autonomia das taxas de natalidade entre as famílias proletárias, fazendo com que se mantenham altos os níveis relativos de nascimentos. Posteriormente, como bem postula Ruy Moreira, quando as relações capitalistas mais modernas avançam sobre essa mesma esfera da economia doméstica inserindo também as mulheres no mercado de trabalho, observa-se uma redução nas taxas de natalidade. Há de se levar em conta, contudo, que esta opção teórica explicitada acima acaba dando pouco (senão nenhum) relevo às questões ligadas à esfera cultural do capitalismo, o que por sua vez pode acabar deixando sombras em relação a processos importantes decorrentes da crescente urbanização da população. Ainda discorrendo sobre este exemplo da natalidade e sua relação com o crescimento demográfico, poderíamos acrescentar que o modo de produção capitalista à medida que se infiltra em todas as facetas da vida de cada ser humano, buscando torná-la um aliado na ampliação do consumo, acaba também forjando uma atmosfera pouco propícia à manutenção de famílias muito numerosas. Por sinal, tal saldo é hoje representado por um aumento do número de pessoas de ambos os sexos que, nos centros urbanos, opta por manter-se sozinha e/ou sem filhos por toda sua vida.

Esse é um terreno que se apresenta bastante implexo de ser trafegado tendo em vista o necessário balanço entre um e outro aspecto da vida humana. De um lado temos sua condição biológica, seu comportamento reprodutivo, seu processo de maturação, envelhecimento e morte, que são constantemente preconizados na abordagem demográfica tradicional. Mas, como bem aponta Ruy Moreira (2006), este ser humano não tem sua evolução e características demográficas determinadas apenas biologicamente, senão antes é preciso considerar que seu desenvolvimento biológico-natural é transpassado por sua condição social.

Neste sentido, a lembrança de que a estrutura social é a real estrutura da população, se nos alerta para um correto posicionamento metodológico, acaba também suscitando um empenho maior na consideração de um temário mais enriquecido e, portanto, mais intrincado. No âmbito de tal temário o marxismo, se por vezes apresenta-se aparelhado

para tal empreitada, não raro é experimentado ao extremo em seu fôlego dado seu histórico e reduzido envolvimento com os processos advindos da esfera cultural. O fenômeno da terciarização da população economicamente ativa, por exemplo, se encaixa perfeitamente no primeiro caso referido acima. Como se trata, em última instância, de um processo puro e simples de realização do valor gerado nas relações de produção capitalistas, este aparece aos olhos do observador através da ampliação e diversificação das atividades de “comércio, transportes, a publicidade, o assessoramento técnico, a corretagem, etc.” (MOREIRA, 2006). Ou seja, para responder à inexorável tendência de declínio da taxa de extração de mais-valia, o capital acelera sua própria velocidade de rotação. Neste sentido o quadro se descortina em sua totalidade, dada a forte intimidade entre temário e método de análise.

Já quando se debruça sobre a distribuição e mobilidade territorial de população e de capital essa desenvoltura pode acabar se dando apenas em certa medida. Ao configurar tais fenômenos, através da lógica que governa o modo de produção capitalista, o caminho sugerido por Ruy Moreira desvenda de forma insofismável a geometria de cada (re)arranjo espacial, colando-a ao processo de conversão da população em engrenagem ao acúmulo de capital. A ordem estabelecida para que tal acúmulo se dê é que preside as territorializações de cada população e “é por isso que nenhuma ordem é neutra. Não por acaso é uma ordem” (MOREIRA, 2006). Contudo ao estabelecer a mobilidade do trabalho vinculada majoritariamente às necessidades impostas pela mobilidade de capital, certas lacunas teóricas podem acabar impondo sua consideração como é o caso, por exemplo, do papel do imaginário de cada migrante na decisão de se mudar ou a função das características sócio-culturais de cada grupo exposto na constituição de resistências à mobilidade ou de movimentos, por vezes exitosos em se contrapor aos ditames impostos pela mobilidade do capital (BECKER, 1997).

Desta forma, ao retratar o caminho percorrido pelo “homem-estatístico” Ruy Moreira nos oferece, para além de uma cartografia de seus dilemas e desorientações, principalmente um roteiro das possibilidades, que hoje temos, de lhe recompor por completo ao reinseri-lo no espaço. Restou-nos agora tomar tal legado e mediante o exame, até aqui levado a cabo, debruçarmo-nos sobre sua mais recente produção no sentido de contribuir na recondução da ânima ao “homem-estatístico”.

Bibliografia

- BECKER, Olga Maria Schild. Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologias, contextos. In: CASTRO, I. E. ; GOMES, P.C. da C. & CORRÊA, R. L.(org.). **Explorações geográficas**. Editora Bertand Brasil: Rio de Janeiro, RJ. 1997. p. 319-367.
- BEUJEAU-GARNIER, Jacqueline. **Geographie de la Population**. 2 vol.. Editions Génin, Librairie de Médecis: Paris. 1956 e 1958.
- CASTRO, Josué (1972). Subdesenvolvimento: causa primeira da poluição. In: CASTRO, Ana Maria (org.). **Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.1984. P.101-108.
- CLARKE, John. **Population Geography**. Oxford: Pergamon. 1965. 164 p.
- DAMIANI, Amélia. **População e Geografia**. 5ª edição. Editora Contexto: São Paulo, SP. 1991.107 p.
- GEORGE, Pierre (1965). **Geografia da População**. Editora Difusão Européia do Livro: São Paulo, SP. 1971. 120 p.
- GEORGE, Pierre **Introduction a l'étude géographique de la population du monde**. Presses Universitaires de France: Paris. 1951. 240 p.
- LACOSTE, Yves (1965). **Geografia do subdesenvolvimento**. Editora Bertrand-Brasil: Rio de Janeiro,RJ. 1990. 335 p.
- LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve em primeiro lugar para fazer a guerra**. 3ª Edição. Editora Papyrus: Campinas, São Paulo.1985. 263 p.
- MARX, Karl (1939). **Para a crítica da Economia Política** (Coleção Os Economistas). Editora Abril Cultural: São Paulo. 1982. 240 p.
- MOREIRA, Ruy. **O círculo e a espiral**. Editora Obra Aberta: Rio de Janeiro, 1993. 142 p.
- MOREIRA, Ruy. **O Discurso do avesso** (para a crítica da Geografia que se ensina). Editora Dois Pontos: Rio de Janeiro,1987.190 p.
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico**. Editora Contexto: Rio de Janeiro, 2006. 191 p.
- OLIVEIRA, Francisco de. **A economia da dependência imperfeita**. Editora Graal: Rio de Janeiro. 1977. 159 p.
- SZMRECSÁNYI, Tamás (org.). **Malthus**. Editora Ática: São Paulo.1982. 200 p.